

## PERFIL DOS GRADUANDOS DE ENFERMAGEM EM UMA UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA

**Nascimento, E. T. O.<sup>1</sup>; Santos, D. P.<sup>2</sup>; Monteiro, K. A.<sup>3</sup>; Filipini, S. M.<sup>4</sup>**

<sup>1</sup> Univap/Enfermagem, Rua Marcelo Oliveira Renó, nº 108, Pq. Residencial União, SJC, jetnascimento@ig.com.br

<sup>2</sup> Univap/Enfermagem, Praça José Carlos Bastos, nº 50, Bosque dos Eucaliptos, SJC, diane\_priscila@ig.com.br;

<sup>3</sup> Univap/Enfermagem, Rua Castro Alves, nº 345, Vila Santos, Caçapava, kellymonteiro18@yahoo.com.br;

<sup>4</sup> Univap/Enfermagem, Rua Nicarágua, nº 214, Vista Verde, SJC, sfilipini@yahoo.com.br.

**Resumo:** No Brasil a Enfermagem é exercida por três categorias profissionais: o enfermeiro com formação superior, o técnico e o auxiliar de Enfermagem de nível médio. Este trabalho teve como objetivos: conhecer o perfil dos graduandos do curso de Enfermagem; investigar sobre a qualidade de vida dos alunos do curso; contribuir mediante os nossos resultados para uma melhor compreensão da população universitária de nosso meio. Utilizou-se uma metodologia descritiva exploratória com abordagem quantitativa. Participaram deste estudo 150 alunos do curso de Enfermagem em uma Universidade do Vale do Paraíba. Encontramos que os alunos são em sua maioria jovens abaixo de 24 anos, do sexo feminino, solteiros e sem filhos. A maioria trabalha na área da saúde, em turnos de 12 horas noturna, são auxiliares de enfermagem, trabalham há mais de 5 anos e tem uma faixa salarial de 2 a 5 salários mínimos. Residem em casa própria, não tem condução própria e utilizam o transporte coletivo para ir à faculdade. Portanto acreditamos que mais estudos se fazem necessários visando definir o perfil do graduando de Enfermagem com maior abrangência acompanhando assim o momento histórico da profissão enfermeiro.

**Palavras-chave:** Perfil, Graduandos, Enfermagem.

**Área do Conhecimento:** Enfermagem.

### Introdução

Os estudos históricos interessam sobremaneira à Enfermagem, pois a construção de uma memória coletiva é o que possibilita a tomada de consciência daquilo que somos realmente, enquanto produtos históricos, o desenvolvimento da auto-estima coletiva e a tarefa de (re) construção da identidade profissional (BARREIRA *et al.*, 1999). Assim, segundo o mesmo autor a realidade mediante o estudo da história da Enfermagem permite um novo olhar sobre a profissão. Segundo Geovanini *et al.* (1995), o avanço da medicina vem favorecer a reorganização dos hospitais, o processo de disciplina e seus reflexos na Enfermagem, ao ressurgir da fase sombria em que esteve submersa até então. É neste cenário que a Enfermagem passa a atuar com *Florence Nightingale*, considerada a precursora pelo fato de prestar assistência aos feridos da guerra com o auxílio da lamparina, visto que, o portador de enfermidade com certa complexidade necessita de assistência nas 24hs (TURKIEWICZ, 1995).

A organização da Enfermagem no Brasil começa no período colonial e vai até o final do século XIX. A profissão surge como uma simples prestação de cuidados aos doentes, realizada por um grupo formado, na sua maioria, por escravos,

que nesta época trabalhavam nos domicílios. Desde o princípio da colonização foi incluída a abertura das Casas de Misericórdia, que tiveram origem em Portugal. A primeira Casa de Misericórdia foi fundada na Vila de Santos, em 1543 (TURKIEWICZ, 1995). Leopardi (1999), afirma ser a Enfermagem uma atividade de cuidado aos seres humanos, um processo de trabalho, que tem um objetivo, uma direção e uma finalidade que ao ser caracterizado define a tendência de sua ação. Tais afirmações significam que a prática de Enfermagem revela mais do que apenas um fazer técnico, revela a origem e a consequência.

No Brasil, a Enfermagem é exercida por três categorias profissionais: o enfermeiro com formação superior, o técnico e o auxiliar de Enfermagem de nível médio (STACCIARINI *et al.*, 1999). Observa-se nesta composição dois grupos: um grupo já pertencente à área da saúde que busca uma ascensão dentro da equipe de Enfermagem, que de acordo com Unglaub (2000), o trabalho é apenas um complemento necessário para a conquista do objetivo principal que é a conclusão dos estudos. O outro grupo é composto por alunos recém chegados do ensino médio que buscam a realização profissional através do curso. Este trabalho teve como objetivos: conhecer o perfil dos graduandos do curso de Enfermagem;

investigar sobre a qualidade de vida dos alunos do curso; contribuir mediante os nossos resultados para uma melhor compreensão da população universitária de nosso meio.

### Metodologia

Foi utilizada uma metodologia descritiva exploratória, quantitativa. O ambiente da pesquisa foi na Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), e como população da pesquisa, foram convidados os alunos do curso de Enfermagem. Os dados foram coletados através de questionário contendo questões fechadas que buscaram caracterizar o perfil dos graduandos de Enfermagem. Os resultados obtidos foram transferidos para uma planilha e tabulados com o auxílio do programa *Microsoft Excel®* e analisados sob Estatística descritiva. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNIVAP, aprovado sobre o nº H79/CEP/2008.

### Resultados

Em nossa pesquisa, onde tivemos 150 voluntários – 19% do 1º ano de graduação, 31% do 2º ano de graduação, 47% do 3º ano de graduação e 3% do 4º ano de graduação, e destes 98% não possuem outra graduação – foram encontrados 23% dos graduandos com menos de 20 anos de idade, 25% com faixa etária de 20 a 24 anos, 26% de 25 a 29 anos, 14% de 30 a 34 anos, e 12% com mais de 35 anos de idade. Observamos que, 89% dos graduandos são do sexo feminino, e que apenas 11% são do sexo masculino. Referente ao estado civil encontramos que 23% são casados, 70% são solteiros e 7% vivem outros tipos de relações; 70% não têm filhos, 19% têm apenas 1 filho, 6% têm 2 filhos, 4% têm 3 filhos e 1% tem mais que 3 filhos. Segue, tabelas com outros dados que buscaram traçar o perfil dos graduandos de Enfermagem.

**Tabela 1:** Dados - se trabalha atualmente, quantas horas por dia e se trabalha na área da saúde.

TRABALHA	%	QUANTAS HORAS/DIA	%	TRABALHA NA SAÚDE	%
Sim	72	4 horas/dia	7	Sim	55
Não	21	6 horas/dia	4	Não	42
Não Opinaram	7	8 horas/dia	25	Não Opinaram	3
		12 horas/dia	29		
		Não Opinaram	35		
TOTAL	100	TOTAL	100	TOTAL	100

**Tabela 2:** Dados - qual sua formação profissional, há quanto tempo trabalha na área e qual sua faixa salarial.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL	%	QUANTO TEMPO (Anos)	%	FAIXA SALARIAL (Salário-mínimo)	%
Aux. de Enferm.	29	< de 1	11	< de 1	8
Téc. de Enferm.	19	De 1 a 2	4	De 1 a 2	28
Outros	5	De 2 a 3	24	De 2 a 5	34
Não Opinaram	47	De 3 a 4	2	>de 5	1
		> de 5	29	Não Opinaram	29
		Não Opinaram	30		
TOTAL	100	TOTAL	100	TOTAL	100

**Tabela 3:** Dados - se exerce trabalhos noturnos, se possui outro vínculo empregatício e o faz nas horas da lazer.

TRABALHO NOTURNO	%	OUTRO VINC. EMPREG.	%	HORAS VAGAS	%
Sim	45	Sim	7	Ler	14
Não	54	Não	92	Assistir TV	27
Não Opinaram	1	Não Opinaram	1	Internet	20
				Passear	20
				Não Opinaram	19
TOTAL	100	TOTAL	100	TOTAL	100

**Tabela 4:** Dados - se é tabagista, etilista, se pratica exercícios físicos e internet disponível.

FUMA	%	ETILISTA	%	EXERC. FÍSICOS	%	INTERNET	%
Sim	9	Sim	5	Sim	24	Sim	71
Não	91	Não	95	Não	76	Não	29
TOTAL	100	TOTAL	100	TOTAL	100	TOTAL	100

**Tabela 5:** Dados - tipo de residência, com quem reside.

RESIDE	%	RESIDE COM	%
Casa Própria	67	Sozinho (a)	3
Casa Alugada	22	Pais	50
República	2	Amigos	3
Outros	8	Outros Familiares	39
Não Opinaram	1	Desconhecidos	5
		Não Opinaram	2
TOTAL	100	TOTAL	100

**Tabela 6:** Dados - se possui condução própria e meio de transporte até a faculdade.

CONDUÇÃO PRÓPRIA	%	TRANSPORTE PARA FACULDADE	%
Não	58	Ônibus	43
Carro	30	Automóvel	37
Moto	6	Carona	11
Não Opinaram	6	Van	6
		Não Opinaram	3
TOTAL	100	TOTAL	100

## Discussão

Em relação à faixa etária, observamos que 48% estão abaixo de 24 anos, ou seja, uma população jovem. Acreditamos que esta busca maior pelos jovens seja, por ser a Enfermagem uma profissão ainda recente com ofertas existentes no mercado de trabalho e que mostra uma sensível mudança aos estereótipos vivenciados nas últimas décadas e já citados por Alcântara em (1963), em concordância com o que afirma Gomes (1990), que a faixa etária jovem, predominantemente encontrada em seu estudo, refletiu a situação dos enfermeiros do país caracterizado por uma força de trabalho jovem. Em contrapartida, encontramos em nosso estudo 12% dos graduandos na faixa etária acima de 35 anos. Segundo Unglaub (2003), pelo alto custo do ensino superior privado, muitos estudantes precisam trabalhar para pagar a sua própria instrução, sendo que alguns ainda ajudam no orçamento familiar; como resultados muitas vezes pagam um preço alto (financeiro, saúde, família) para adquirir um diploma de ensino superior, buscando a Universidade mais tarde.

Em relação ao sexo, verificamos que a grande maioria (89%) é do sexo feminino, por ser a Enfermagem historicamente uma profissão delegada a mulher, em concordância com Costa (2000), Luchesi (2005), Geovanini *et al* (1995) que confirmam uma tendência a feminilização da força de trabalho em saúde, embora visualizemos um ainda sensível crescimento masculino pela busca ao curso, conforme cita Gomes (1990).

Em relação ao estado civil, confirmamos uma grande maioria 70% de solteiros e sem filhos em concordância com a faixa etária encontrada. Verifica-se também uma porcentagem de voluntários casados e com filhos indicando que suas vidas familiares, pessoais e sociais sofrem restrição em decorrência do esquema de trabalho noturno e o curso em andamento (COSTA, 2000).

Quanto ao Perfil Profissional, os alunos economicamente ativos representam 72%, a maioria pela própria situação sócio-econômica do país, e por nosso estudo ter como campo uma Universidade particular, onde o aluno busca através de seu trabalho, sua manutenção e subsistência, e muitas vezes de sua família, conforme citado por Unglaub (2003). A outra parcela 21% entra em concordância com a faixa etária e o estado civil, jovens solteiros dependentes financeiramente da família.

Em relação ao horário de trabalho, encontramos em sua maioria (29%) o horário de 12h de trabalho por 36h de descanso com uma folga mensal, conforme Convenção Coletiva Vigente 2007/2008 por se tratar em sua maioria de profissionais que trabalham na área da saúde. No Brasil já é uma tradição adotar para o corpo de

Enfermagem o turno de 12h de trabalho diurno ou noturno por 36h de descanso (FISCHER *et al.*, 2002). Entre estes, 45%, dos voluntários executam trabalhos no período noturno, justificado pela necessidade do horário do curso oferecido.

Em relação ao trabalho na área da saúde, encontramos 55% que já desenvolvem trabalhos nesta área, buscando uma ascensão profissional dentro da própria equipe. Observamos também que, a maioria dos voluntários (29%) trabalham na área da saúde a mais de 5 anos, o que nos faz pensar que, mesmo com o passar do tempo, essas pessoas buscam, um curso superior para valorização de seus currículos, uma vez que as faixas salariais aumentam conforme a função exercida e o nível de graduação.

Em relação à função desempenhada na área da saúde, encontramos auxiliares de Enfermagem (29%) e técnicos de Enfermagem (19%), que fazem parte da uma equipe de Enfermagem com base na Lei do Exercício Profissional 7.498, de 25 de junho de 1986. (COREN 2006)

Quanto à distribuição por número de vínculos empregatícios dos alunos, observamos que a grande maioria (92%) possui um só vínculo empregatício, o que já caracterizaria a dupla jornada. Consideramos um alto percentual, frente à tripla jornada destes alunos ainda que justificado pelos baixos salários da equipe de enfermagem e pelos custos adicionais gerados pelas necessidades ao cursar uma Universidade particular (BULHOES, 1994; COCCO, 1997; UNGLAUB, 2003).

Em relação ao estilo de vida, a maioria (76%) dos graduandos de Enfermagem leva uma vida sedentária e 23% dessas pessoas, em suas horas vagas, preferem assistir TV. Isso seria justificado com os dados apresentados em nossos resultados em que, a grande maioria cumpre uma carga horária de 12h, dificultando assim a prática de atividades físicas e dando maior preferência para programas mais leves, devido ao cansaço adquirido em seus horários de serviço. O sedentarismo é importante fator de risco com a ocorrência de maior taxa de eventos cardiovasculares e maior taxa de mortalidade em indivíduos com nível de condicionamento físico baixo, estimativa revela que a prevalência do sedentarismo chega até 56% nas mulheres em torno de 37% nos homens da população urbana brasileira (MONTEIRO, 2004).

Um dado interessante é que, em sua grande e significativa maioria, os graduandos informam não serem tabagistas (91%) e serem etilistas (95%). Andrade *et. al.* (2006), afirmam que o período universitário pode oferecer grandes oportunidades de intervenção no hábito tabágico dos alunos fumantes.

Em relação ao acesso à Internet, a disponibilidade referida foi de 71% em suas próprias residências. Em relação às condições de moradia, a grande maioria reside em casa própria (67%), relacionada com o alto número encontrado de graduandos que residem com os pais (50%); em contrapartida, encontramos 22% que residem em casa alugada. Em relação ao meio de transporte, 58% dos alunos referem que não possuem carro próprio, o que confirma o dado encontrado quanto ao meio utilizado para se deslocarem até a faculdade em que, 43% dos graduandos utilizam o transporte coletivo.

### Conclusão

Após nossos estudos, concluímos que, os alunos são em sua maioria jovens abaixo de 24 anos, do sexo feminino, solteiros e sem filhos. A maioria trabalha e destes a maioria na área da saúde, em turnos de 12 horas, a maioria é auxiliar de Enfermagem, trabalham há mais de 5 anos e tem um a faixa salarial de 2 a 5 salários mínimo, dos que trabalham a maioria trabalha no horário noturno tem um vínculo empregatício e em sua hora de lazer assistem televisão. A maioria não é etilista, tabagista, não pratica exercício físico e tem acesso a internet em sua residência; residem em casa própria, não tem condução própria e utilizam o transporte coletivo para irem a faculdade. Acreditamos que mais estudos se fazem necessários visando definir o perfil do graduando de Enfermagem com maior abrangência acompanhando assim o momento histórico da profissão enfermeiro.

### Referências

- ANDRADE A. P. A., et al; Prevalência e características do tabagismo em jovens da Universidade de Brasília. J. Bras. Pneumol, 2006.
- ALCÂNTARA, G.; Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto; 125 p., 1963.
- ALMEIDA, M.C.P.; BARREIRA, I.A.; Educação de enfermagem na América Latina. BH. Escola de Enf. UFMG/Fundação Kellogg, 1998.
- BARREIRA, I.A. et al.; Renovação no ensino e na pesquisa de história da Enfermagem pela integração graduação/pós-graduação. Revista Enf. UERJ, RJ, v. 5, n. 2, p. 487-494, dez. 1997.
- BULHÕES, I.; Riscos do trabalho de enfermagem. Rio de Janeiro, 221p, 1994.
- COCCO, M. I.; Reestruturação produtiva do setor saúde trabalhadores de Enfermagem em saúde coletiva. Escola de Enf. Ribeirão Preto/USP, 1997.

- COSTA, E. et al.; Percepção dos efeitos do trabalho em turnos sobre a saúde e a vida social em funcionários de Enfermagem em um hospital universitário do estado de São Paulo. Cad. Saúde pública. V.16, n.2, p.533-555, 2000.

- CONSELHO Regional de Enfermagem de São Paulo, Documento Básicos de Enfermagem/ 2006

- FISCHER, F. M et al; Percepção de sono: duração, qualidade e alerta em profissionais da área de Enfermagem. Cad. Saúde Pública, RJ, 18(5): 1261-1269. set-out, 2002.

- GEOVANINI, T.et. al.; História da Enfermagem: Versões e Interpretações. RJ, Revinter, 1995.

- GOMES, D. L. S.; Identificação do enfermeiro de saúde pública na força de trabalho de Enfermagem de saúde pública no Departamento Regional de Saúde – 6 de Ribeirão Preto, SP. Ver. Saúde Pública, Vol. 24, nº 3. São Paulo, 1990.

- LEOPARDI, M. T.; Teoria em Enfermagem: instrumentos para a prática. Florianópolis UFSC Ed. Papa-Livros, 1999.

- LUCHESI, L. B., SANTOS, C. B. – Enfermagem: o que esta profissão significa para adolescentes. Uma primeira abordagem – Rev. Latino-Am. Enfermagem vol.13 nº 2 Ribeirão Preto. 2005.

- MONTEIRO, M. F.; SOBRAL, D.C. F.; Exercício Físico e o Controle da PA. Ver. Bras. Méd. Esporte. 2004 Dez; 10(6); 513-516.

-PIRES, D.; Hegemonia Médica na Saúde e a Enfermagem - Brasil: 1500 a 1930. São Paulo, Cortez Editora, 1989.

- STACCIARINI, J.M.et al.; Quem é o enfermeiro? Revista Eletrônica de Enfermagem - Goiânia, v.1, n.1, out-dez. 1999.

- SINDHOSP – Sindicato dos Hospitais do Estado de São Paulo. CONVENÇÃO COLETIVA DE TRABALHO - 2007/2008.

- SILVA, G. B.; Enfermagem profissional - análise crítica. São Paulo: Cortez Editora - 143p, 1986.

- TURKIEWICZ, M.; História da Enfermagem. Paraná, ETECLA, 1995.

- UNGLAB, E.; Diligência de estudantes de graduação de tempo integral e tempo parcial. Tese de Doutorado em Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2003.